

Covid-19: Sem restrições Portugal pode chegar aos seis mil casos diários até ao Natal, estima Carlos Antunes

Por Simone Silva em 14:59, 18 Nov 2021



O investigador e matemático Carlos Antunes, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, estima que Portugal possa chegar aos seis mil casos diários ainda antes do Natal, se não forem impostas restrições.

Em declarações à 'RTP3', o responsável, que faz parte da equipa do epidemiologista Manuel Carmo Gomes, neste tipo de previsões, explica como está a evoluir a situação pandémica no país.

“Os casos neste momento estão a duplicar a cada 20 dias, ou seja, de semana a semana estamos a observar um aumento do número de casos que se verificam diariamente”, refere. É um crescimento exponencial e define claramente uma vaga epidémica”, acrescenta.

Perante estes números, adianta, “o que nós prevemos para o final do mês é uma revisão em alta face ao que tínhamos há 15 dias”, indica sublinhando que “a este ritmo podemos chegar aos três mil casos no final do mês, isso mantém-se”.

“Mas, se a transmissibilidade continuar na ordem 1,2, podemos duplicar novamente o número de casos em 20 dias, chegando a vésperas de natal com cerca de seis mil casos”, estima.

Ainda assim, Carlos Antunes considera esse cenário pouco provável com a implementação de restrições. “Não acredito que vá acontecer, uma vez que as medidas que certamente irão ser colocadas, poderão travar este crescimento”, conclui.

Recorde-se que como a **Multinews** já tinha avançado, também estimativas da Universidade de Washington, nos Estados Unidos, davam conta de cerca de seis mil casos diários nesta altura do ano, a que se juntam ainda 10 novas mortes.

Mas a manter-se a situação atual, os números devem aumentar chegando a 30 de janeiro, data das eleições legislativas, muito piores. Espera-se que Portugal registe cerca de 10 mil casos diários nessa altura, com uma tendência ainda mais preocupante nas mortes, que sobem para cerca de 25.

O pico da pandemia, segundo as mesmas previsões, dá-se em fevereiro, no início, dia 2, no que diz respeito aos casos, prevendo-se mais de 10 mil novas infeções e no fim, relativamente às mortes, estimando-se 35 óbitos diários a 25 de fevereiro.

Depois disso, os números mostram que a curva da incidência começa a achatar, prevendo-se para o dia 1 de março, oito mil casos diários de Covid-19. No entanto, os óbitos continuam elevados.

Governo reúne-se esta sexta-feira com peritos no Infarmed

O primeiro-ministro, António Costa, convocou para esta sexta-feira a reunião entre peritos e responsáveis políticos no Infarmed, em Lisboa. A reunião está prevista para as 15:00, tendo a participação pela parte política do chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa, do presidente da Assembleia da República, Ferro Rodrigues, e de membros de partidos com representação parlamentar.

Tal como já tinha sido referido pela imprensa esta segunda-feira, o encontro vai servir para avaliar a situação pandémica e preparar o país para a época natalícia, sendo a principal missão desta reunião “salvar” o Natal.

O Governo está atento ao aumento de casos de covid-19 em Portugal e preocupado com o facto de a terceira dose da vacina não estar a avançar ao ritmo desejável, o que pode obrigar a “uma campanha de sensibilização mais alargada”.

Neste sentido, a reunião visa analisar os últimos avanços da pandemia e preparar o Natal, que é “um período sempre complicado”.

Costa e Marcelo admitem medidas mas afastam estado de emergência

O primeiro-ministro, António Costa, sublinhou na terça-feira, em declarações aos jornalistas, a necessidade de impor algumas medidas restritivas para travar este aumento de casos, mas descartou o estado de emergência.

“Não antecipo, sinceramente, que tenhamos de adotar medidas que impliquem a existência de estado de emergência”, disse. “O Parlamento, mesmo dissolvido, mantém mecanismos de fiscalização da atuação do Governo, designadamente a Comissão Permanente. E vamos ouvir também os partidos sobre estas matérias”, reiterou.

Contudo, questionado sobre medidas mais restritivas, Costa diz que não podem haver hesitações em “adotar todas as medidas que se imponham e que sejam necessárias para proteger a saúde e a vida dos portugueses. Foi assim que fizemos no passado e é assim que faremos no futuro, se vier a ser necessário”.

No dia seguinte foi a vez de Marcelo Rebelo de Sousa afastar a hipótese de um novo estado de emergência, considerando que Portugal está “muito, muito, muito longe” da situação que levou a que a medida fosse tomada no ano passado.

A aprovação do estado de emergência “não é uma questão que se coloca”, assegurou, recordando que, quando não renovou o último estado de emergência no final de abril, o país estava naquelas fasquias “que estão muito, muito, muito longe das fasquias atuais, quer em números de internados em cuidados intensivos quer em internados em geral”.

Por outro lado, o Presidente disse aguardar a “iniciativa” do Governo, mas avisou desde já que o vai “acompanhar” na decisão de serem tomadas novas medidas contra a pandemia, nomeadamente a possibilidade de o uso de máscaras voltar a ser obrigatório na rua.